

CINEMA E ANCESTRALIDADE: UMA LEITURA FÍLMICA E TEMÁTICA DE AFRO – DAS ORIGENS AOS DESTINOS, DOCUMENTÁRIO DA EMBRATUR

NATÁLIA ARAÚJO DE OLIVEIRA¹
ORCID – 0000-0003-4815-8352

Recebido em 07.03.2025

Aprovado em 27.04.2026

Resumo

Este artigo tem como objeto o documentário *Afro: das origens aos destinos* (Embratur, 2024), produção voltada à promoção do afroturismo brasileiro com centralidade no território baiano. O objetivo geral é analisar a representação do afroturismo na obra, investigando as narrativas identitárias mobilizadas e os recursos da linguagem cinematográfica que estruturam o discurso audiovisual. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa que combina a análise fílmica com a análise temática. Os resultados da análise fílmica evidenciaram o uso recorrente de planos médios e *close-ups* nas entrevistas, imagens amplas dos territórios e elementos sonoros associados a manifestações culturais afro-brasileiras, que contribuem para destacar os sujeitos, as práticas culturais e os espaços retratados. Já a análise temática revelou seis eixos centrais: protagonismo negro, que reposiciona sujeitos como narradores de sua própria história; espiritualidade e religiosidade negra, que reafirma práticas de matriz africana como patrimônio cultural; afroturismo como resistência ancestral, que conecta memória e luta histórica; negócios negros no fazer turístico, que evidenciam o papel do afroempreendedorismo na economia do turismo; afroturismo como reencontro e orgulho da ancestralidade, que fortalece identidades e vínculos simbólicos; e afroturismo como prática antirracista, que amplia o turismo como ferramenta educativa e de transformação social. Os achados mostram que o documentário constrói uma narrativa afrocentrada e afirmativa, deslocando sujeitos negros da posição de objeto turístico para agentes de sua própria história. Conclui-se que a obra mobiliza o afroturismo como instrumento de valorização identitária e de visibilização de sujeitos, territórios e saberes negros, ampliando os significados atribuídos a essa prática turística no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Afroturismo. Documentário. Embratur. Protagonismo negro.

¹ Bacharela em Turismo (Unemat), mestra em Ciências Sociais (Unisinos) e doutora em Sociologia (UFRGS). Professora substituta no Centro de Ciências Sócio-organizacionais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil. oliveira.natalia@outlook.com

CINEMA AND ANCESTRY: FILM AND THEMATIC ANALYSES OF *AFRO: DAS ORIGENS AOS DESTINOS*, AN EMBRATUR DOCUMENTARY

Abstract

This article examines the documentary *Afro: das origens aos destinos* (Embratur, 2024), a production aimed at promoting Afrotourism in Brazil, with a particular focus on the state of Bahia. The study aims to analyze the representation of Afro-tourism in the documentary by examining the identity-based narratives mobilized and the cinematic language resources that structure its audiovisual discourse. Methodologically, the research adopts a qualitative approach combining film analysis and thematic analysis. The film analysis revealed the recurrent use of medium shots and close-ups in interviews, wide shots of territories, and sound elements associated with Afro-Brazilian cultural expressions, all of which contribute to highlighting the subjects, cultural practices, and spaces portrayed. The thematic analysis identified six central themes: Black protagonism, which repositions individuals as narrators of their own histories; Black spirituality and religiosity, which reaffirms African-derived practices as cultural heritage; Afro-tourism as ancestral resistance, connecting memory and historical struggle; Black entrepreneurship in tourism, highlighting the role of Afro-entrepreneurship in the tourism economy; Afro-tourism as a reconnection with and pride in ancestry, strengthening identities and symbolic bonds; and Afro-tourism as an anti-racist practice, expanding tourism as a tool for education and social transformation. The findings show that the documentary constructs an Afrocentric and affirmative narrative, shifting Black individuals from the position of tourist attractions to agents of their own histories. It is concluded that the documentary mobilizes Afro-tourism as a tool for identity affirmation and for increasing the visibility of Black subjects, territories, and forms of knowledge, thereby broadening the meanings attributed to this tourism practice in the Brazilian context.

Keywords: Afrotourism. Documentary. Embratur. Black protagonism.

1. INTRODUÇÃO

Em outubro de 2024, a Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur) lançou o documentário *Afro: das origens aos destinos*². Classificada como um média-metragem (ANCINE, 2010), a produção, que tem 25 minutos, aborda a influência africana na musicalidade brasileira, na gastronomia, na religiosidade e na formação do Recôncavo Baiano e da capital do estado, Salvador (Embratur, 2024a). O filme surge a partir do interesse da gestão do órgão de turismo acima citado em ter como carro-chefe de trabalho o afroturismo (Embratur, 2023), que tem tido um crescimento importante no turismo nacional e internacional, segundo o Ministério do Turismo et al. (2024).

² O documentário pode ser visto em: https://www.youtube.com/watch?v=KU4kyULr0k8&ab_channel=EmbraturBrasil

O afroturismo é definido como uma forma de praticar turismo por meio de roteiros e experiências centrados na história e na cultura afrodiaspórica, configurando-se como uma experiência cultural afrocentrada que conecta ancestralidade, identidade, culinária e memória negras, tendo como base a valorização, a resistência e o protagonismo negro (Embratur; CAF, 2025; Unesco; Ministério do Turismo, 2025). Além de sua dimensão cultural, constitui-se também como uma ferramenta educativa capaz de promover práticas turísticas antirracistas voltadas à valorização da herança africana e da cultura afro-brasileira na formação da sociedade nacional. Sua atuação ainda contribui para a geração de renda para a população negra, tanto na cadeia do turismo quanto na economia criativa, nas comunidades tradicionais e em outros segmentos do setor (Unesco; Ministério do Turismo, 2025).

Considerando o papel desempenhado pelo documentário *Afro: das origens aos destinos* na divulgação do afroturismo, este artigo tem como objetivo analisar como essa prática turística é representada na obra. Busca-se compreender quais narrativas são mobilizadas para definir o afroturismo e se os recursos da linguagem cinematográfica contribuem para a construção de uma narrativa audiovisual afrocentrada e antirracista. Como objetivos específicos, a pesquisa propõe: identificar quais sujeitos e grupos sociais são legitimados como vozes ativas na narrativa do documentário; apontar os principais recursos audiovisuais utilizados na construção do discurso fílmico e, por fim, mapear os temas abordados na obra, compreendendo sua articulação (ou não) com a proposta de valorização do afroturismo.

A justificativa da realização da presente pesquisa fundamenta-se na importância dos meios audiovisuais na construção de sentidos sociais, ao mobilizarem vozes, lugares e valores em materiais institucionais, como documentários produzidos por órgãos de turismo. Ao compreender esse gênero fílmico como relevante para a formação de imaginários e discursos públicos — especialmente em um contexto de debates contemporâneos que demandam maior representatividade negra —, torna-se pertinente problematizar os sentidos produzidos por essas narrativas. Nesse cenário, embora haja um crescimento dos estudos sobre afroturismo e sobre representações no turismo, ainda são incipientes as investigações que analisam documentários institucionais voltados ao afroturismo,

particularmente aqueles produzidos por órgãos públicos de promoção turística³. Assim, o presente estudo busca contribuir para o campo ao articular análise fílmica e turismo, fomentando reflexões sobre o papel desses materiais na construção de narrativas e representações.

A metodologia da pesquisa – que é qualitativa - se baseia em análise fílmica – conceituada como a que separa os elementos e componentes do sistema fílmico para chegar aos sentidos e efeitos produzidos (Savernini, 2022) e que investiga a narrativa do filme e a sua composição como produto final (Mombelli; Tomaim, 2015) e na análise temática, que consiste na verificação da recorrência das informações levantadas, destacando os assuntos mais abordados, procurando padrões e conexões que levam a um referencial mais amplo (Gaskell, 2008).

O trabalho está dividido do seguinte modo: após esta introdução, o referencial teórico discute o documentário como veículo de análise social e o afroturismo. Em seguida, na seção metodológica, são expostas as fases necessárias para realizar uma análise fílmica e para uma análise temática. Posteriormente, os resultados encontrados são objetos do próximo tópico, sendo discutidos à luz da literatura sobre afroturismo e cultura afrodiaspórica. Por fim, o último item traz as considerações finais da pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico do presente artigo centra-se em duas abordagens: a primeira dela diz respeito ao gênero fílmico do documentário e a segunda disserta sobre o afroturismo.

2.1 Documentário: conceitos e características

Ramos (2008) define documentário como uma narrativa formada por imagens-câmera, muitas vezes acompanhadas de imagens de animação, composta de ruídos, música e fala para as quais os espectadores olham em busca de afirmações sobre o mundo. De acordo com Penafria (2001), um documentário pauta-se por uma estrutura dramática e narrativa - que caracteriza o cinema narrativo. Sua estrutura dramática é constituída por personagens, espaço da ação, tempo da ação e ainda conflitos e deve contar uma história, organizar a estrutura dramática em cenas e sequências que tenham lógica. A partir de tudo isso é

³ Uma busca pela palavra-chave “análise fílmica” nos periódicos da área de turismo disponíveis no *Portal de Periódicos da Associação Nacional de Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR)* identificou apenas oito trabalhos que empregam essa abordagem metodológica. Dentre esses, dois fazem referência à questão racial, mas não se dedicam à análise de documentários institucionais.

necessário transmitir uma ideia – que é a visão do cineasta sobre determinado assunto. A concepção da autora vai ao encontro da explicação de Jean-Claude Bernardet (1985), que nos lembra que o documentário também é discurso, visto que é feito a partir da seleção e organização de um cineasta, de modo a ser pertinente não fingir coincidências e colocar o discurso em primeiro plano.

Paula (2015) explica que um dos principais atrativos do documentário é sua capacidade de falar de tudo e, principalmente, das questões que envolvem as sociedades. Todavia, Nichols (2005) chama atenção que um documentário não é uma reprodução da realidade e sim uma representação do mundo em que vivemos, ou seja, representa uma determinada visão de mundo – de indivíduos, grupos ou instituições. Eles elaboram argumentos ou formulam estratégias de persuasão com o intuito de convencer o público que assiste o filme. Logo, um documentário nunca será desprovido de intenções (Mombelli; Tomaim, 2015).

Nichols (2005) aponta que a forma como o cineasta apresenta seu ponto de vista é a “voz” do documentário, isto é, a maneira como os elementos de imagem e som são mostrados no filme, o que envolve a linguagem, o enquadramento, os planos, as sequências, a montagem, a captação de áudio, o tipo de voz, a trilha, se haverá uma sequência lógica etc. Mombelli e Tomaim (2015) trazem que a voz do documentário é a maneira de realizar asserções sobre o mundo, transmitindo a perspectiva de quem faz o filme e, para que essa voz “fale”, são utilizados mecanismos a fim de dar atribuir credibilidade àquilo que está sendo dito, além de comover e ainda convencer o espectador. Normalmente se utiliza, de acordo com Nichols (2005), a voz dos entrevistados, de modo a legitimar aquilo que é dito de modo que a produção audiovisual não pareça autoritária, além de comover aquele que assiste.

Sobre os tipos de locução empregados em documentários, Paula (2015) destaca a recorrência da *voz-over*, recurso narrativo em que a voz do narrador conduz a narrativa sem que ele apareça em cena. Caracterizada pela onipresença e pela onisciência, essa modalidade, contudo, não está presente em todos os documentários. Há produções que recorrem à *voz off*, restrita à diegese e produzida por sujeitos que se encontram no espaço filmado, embora permaneçam fora do enquadramento da câmera (Rabello, 2019).

Nichols (2005) classifica em seis os modos de compor um documentário: expositivo, poético, observativo, participativo, reflexivo e performático. Entretanto, o autor revela que

um mesmo documentário pode apresentar mais de um modo, ainda que sempre haja um preponderante. O modo *expositivo* é o mais tradicional e reconta uma história em que a ênfase é voltada para narrativa em si, exposta verbalmente, enquanto as imagens ficam em segundo plano, num tom mais ilustrativo. Este enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa. Normalmente se utiliza de uma narração conhecida como “voz de Deus”, na maioria das vezes masculina, que transmite ao espectador todas as informações, como se fosse uma figura neutra (Rabello, 2019). Já o modo *poético* tem ênfase em associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal, sendo próximo do cinema experimental, pessoal ou de vanguarda.

No modo *observativo* há um engajamento direto no cotidiano daqueles que representam o tema da produção a partir do uso de uma câmera discreta. No modo *participativo* há ênfase na interação entre o cineasta – que participa do filme – e o tema; as filmagens ocorrem em entrevistas ou outras maneiras de envolvimento mais direto. O documentário *reflexivo* questiona a própria natureza do documentário, destacando a produção e o processo de criação do filme. Por fim, no modo *performático* o cineasta é parte essencial da narrativa, retratando suas próprias experiências e sentimento em relação a um tema. Diferenciando do modo observacional, o performativo não busca uma objetividade neutra, mas uma perspectiva pessoal e emocional (Nichols, 2005).

2.2. Afroturismo: identidade, cultura e protagonismo negro

O afroturismo é conceituado como um segmento do turismo que se orienta pela valorização e promoção da cultura, da história, da identidade e das ancestralidades negras, propondo vivências afrocentradas mediadas por sujeitos negros em múltiplas configurações (Embratur; CAF, 2025). Anteriormente denominado turismo étnico-afro, o conceito passa a ser definido sob esse novo termo pelos agentes promotores da atividade — os afroempreendedores —, em 2019, em um movimento de autoafirmação e reconhecimento da relevância da atividade para a celebração da cultura afrodiaspórica (Oliveira, 2022).

Todavia, é apenas no ano de 2021 que os primeiros trabalhos que abordam a temática são publicados em periódicos nacionais do setor. Entre esses estudos, Oliveira (2021a, 2021b) pontua como a atividade é pautada por experiências afrocentradas, isto é, tem sua organização central a partir de uma perspectiva – e ação – que coloca os africanos e seus descendentes como sujeitos e agentes de fenômenos, atuando sobre sua própria imagem

cultural e de acordo com os seus próprios interesses humanos (Asante, 2009). De acordo com a autora (2021b, p. 222): “no campo do turismo, a afrocentricidade subverte o ponto de vista da história contada, gerando condições para que o negro seja apresentado [e se apresente] como pessoa com agência, como grupo com suas referências e que pode contar sua própria história”.

Vale destacar que, embora o termo afroturismo — e os estudos a ele associados — sejam recentes, pelo menos desde a década de 1970 turistas afro-estadunidenses visitam o Brasil, especialmente a Bahia, em busca de suas raízes ancestrais (Pinho, 2018; Queiroz, 2008, 2009). É nesse estado que turistas negros — brasileiros e estrangeiros — buscam conexões com suas origens, ainda que não consanguíneas, reconhecendo sua identidade negra nesses espaços (Oliveira; Silva; Almeida, 2022). Esse sentimento de reconhecimento e pertencimento se constrói por meio da música afro, da gastronomia, das religiões de matriz africana e dos patrimônios culturais. Nesse contexto, destaca-se Salvador, considerada a cidade mais negra do Brasil — com cerca de 80% de sua população autodeclarada negra (Governo do Estado da Bahia, 2023) — e a maior população negra fora do continente africano (Carvalho, 2023).

O afroturismo desempenha um papel relevante na promoção da cultura afro-brasileira e do turismo sustentável, atuando tanto no âmbito da oferta — por meio dos afroempreendedores — quanto da demanda, que envolve viajantes negros e não negros (Unesco; Ministério do Turismo, 2024). Os afroempreendedores — entendidos como sujeitos negros que desenvolvem iniciativas voltadas à cultura afro (Oliveira, 2020a) — estabelecem relações comerciais que conferem visibilidade a essa cultura e se estruturam a partir dela, formando uma rede de negócios que compõe um ecossistema de produção e consumo protagonizado por pessoas negras.

A atuação dos afroempreendedores no afroturismo não se limita à oferta de roteiros de visitação centrados na história afrodiaspórica, abrangendo também experiências relacionadas às religiões de matriz africana, mercados e feiras afro, gastronomia, festivais, ecoturismo e visitas a comunidades tradicionais, como quilombos (Unesco; Ministério do Turismo, 2025). Nesse sentido, o afroturismo não se fundamenta em narrativas de dor e sofrimento impostas pelo racismo à população negra; ao contrário, constitui-se como uma celebração da diversidade da cultura afro-brasileira. Trata-se de uma prática que transita

entre o rural e o urbano, o histórico e o contemporâneo, articulando dimensões de fé, luta, resistência e acolhimento (Oliveira, 2020b).

Ao ser abordado como uma vivência de educação não formal (Maurício, 2022; Silva et al., 2024), o afroturismo contribui para a construção de um turismo comprometido com o reconhecimento e a valorização da identidade sociocultural afro-brasileira, fortalecendo sua história, cultura, valores, saberes e tradições. Nesse sentido, também atua na redução das desigualdades raciais e na afirmação da identidade negra (Oliveira, 2021a).

A partir desse referencial, a análise do documentário *Afro: das origens aos destinos* possibilita examinar como o afroturismo é discursivamente construído, evidenciando as estratégias narrativas que articulam identidade, memória, ancestralidade e protagonismo negro no contexto audiovisual. Na sequência, apresentam-se os procedimentos metodológicos da pesquisa.

3. METODOLOGIA

Este estudo faz uso da análise fílmica, compreendida como um método interpretativo voltado à decomposição dos elementos constitutivos do sistema audiovisual, com o objetivo de compreender os sentidos produzidos pela obra (Savernini, 2022). Diferentemente da crítica cinematográfica, que busca atribuir valor ao filme, a análise fílmica concentra-se nas especificidades da obra e em seus mecanismos de construção de sentido (Penafria, 2009; Silva, 2024).

Conforme destacam Vanoye e Goliot-Lété (2012), esse procedimento envolve um movimento de desconstrução e reconstrução do filme. Inicialmente, são identificados e descritos elementos como planos, enquadramentos, ângulos, sons, cenas e sequências. Em seguida, esses elementos são articulados em uma perspectiva interpretativa, permitindo compreender como produzem sentido no conjunto da obra.

A análise fílmica foi conduzida por meio de cinco visualizações do documentário, conforme a recomendação de Nichols (2005) acerca da importância da repetição para a apreensão da obra audiovisual. Durante esse processo, registraram-se sistematicamente aspectos formais, como planos, enquadramentos, ângulos, movimentos de câmera, sons, cenas e sequências, bem como aspectos relacionados à organização da narrativa audiovisual. Esses registros subsidiaram a interpretação dos recursos audiovisuais

empregados na construção do discurso fílmico e de seus efeitos de sentido no conjunto da obra. Todo o processo foi realizado manualmente, com apoio de planilhas do *Excel*.

Em articulação com a análise fílmica, empregou-se a análise temática como estratégia para identificar padrões recorrentes e compreender as estruturas discursivas presentes no documentário (Braun; Clarke, 2006; Gaskell, 2008). A análise foi conduzida a partir das seis etapas propostas por Braun e Clarke (2006): familiarização com os dados, identificação de códigos iniciais, agrupamento em temas, revisão, definição e nomeação dos temas e, por fim, sistematização dos resultados.

Na fase de familiarização com os dados, foi realizada a transcrição das falas e a elaboração de notas iniciais sobre conteúdos recorrentes, personagens e espaços. Na segunda fase, de geração dos códigos iniciais, foram identificados trechos, falas e cenas relevantes ou recorrentes, a partir dos quais se construíram códigos como identidade, memória ancestral, religiosidade, resistência negra, música, gastronomia, vida quilombola e protagonismo negro. Na terceira fase, esses códigos foram agrupados em categorias mais amplas com base em sua recorrência e proximidade semântica, dando origem a temas preliminares. A quarta fase consistiu na revisão desses temas, com verificação de sua coerência interna e de sua adequação ao conjunto do documentário, o que implicou a fusão, reorganização ou exclusão de categorias quando necessário. Na quinta fase, procedeu-se à definição e denominação dos temas, refinando seus significados e delimitações analíticas. Por fim, na sexta fase, os resultados foram sistematizados para a produção do presente texto. As categorias resultantes desse processo são apresentadas e discutidas na seção de resultados.

4. RESULTADOS

O documentário *Afro: das origens aos destinos*, cuja peça de propaganda pode ser vista na figura 1, foi lançado em 26 de outubro de 2024, em Salvador (BA), durante uma sessão pública que contou com a presença de Marcelo Freixo, então presidente da Embratur, além de alguns entrevistados na obra. Após a exibição, esses participantes tiveram espaço de fala e ressaltaram a relevância do afroturismo para a divulgação e valorização da história negra brasileira (Embratur, 2024b).

Figura 1 – Imagem de divulgação do documentário *Afro: das origens aos destinos*



Fonte: site da Embratur

No que se refere à sua produção, o documentário foi realizado pela *FSB Comunicação*, com direção, produção e roteiro de Renan Carvalhais, homem branco, enquanto a direção de fotografia e a montagem são assinadas por Ruben Naftali, homem negro. Esse arranjo evidencia a presença de diferentes posições na construção da narrativa audiovisual, ainda que a condução autoral permaneça centrada em um diretor branco. Nesse sentido, um levantamento da *Cinemateca Negra* revela que apenas 10% das produções fílmicas brasileiras — incluindo curtas, médias e longas-metragens das décadas de 2010 e 2020 — são dirigidas por pessoas pretas (Folha de São Paulo, 2023), o que indica a persistência de desigualdades na ocupação de espaços de direção no audiovisual e reitera a necessidade de atuação pelo protagonismo negro.

Ao longo de seus 25 minutos de duração, o documentário perpassa 13 capítulos, cujos títulos podem ser observados na Figura 2. Em termos gerais, a obra apresenta diferentes espaços que evidenciam a cultura afro-baiana como elemento constitutivo da identidade nacional, ao evidenciar que falar da história da Bahia implica refletir sobre a formação do Brasil a partir do protagonismo negro. Ao transpor essa perspectiva para o campo do turismo, o documentário confere destaque a práticas de viagem centradas nesse protagonismo — isto é, ao afroturismo. A narrativa aproxima-se, assim, da noção de

afrocentricidade no turismo discutida por Oliveira (2020b), ao posicionar sujeitos negros não como objetos da representação turística, mas como agentes que narram sua própria história, produzem saberes e organizam experiências turísticas a partir de suas referências culturais e ancestrais. Nesse sentido, o documentário constrói uma representação específica da realidade social, organizando imagens, depoimentos e práticas culturais a partir de uma perspectiva que busca afirmar o protagonismo negro, corroborando a compreensão de Nichols (2005) de que todo documentário expressa uma determinada visão de mundo.

Figura 2 - Estrutura dos capítulos do documentário *Afro: das origens aos destinos*



Fonte: elaborado pela autora

O documentário apresenta 29 entrevistas, 16 com mulheres e 13 com homens, conforme apresentado no Quadro 1, visto a seguir. O uso recorrente de depoimentos atua como mecanismo de legitimação discursiva, estratégia comum ao documentário expositivo ao mobilizar a voz dos entrevistados para conferir credibilidade e afetividade à narrativa (Nichols, 2005; Mombelli; Tomaim, 2015).

Quadro 1- Pessoas entrevistadas no documentário

Nome	Ocupação (legenda do doc.)	Gênero	Cor/raça
Alberto Pitta	Artista plástico	Masculino	Negra
Ananias Viana	Quilombola ativista – Quilombo Kaonge	Masculino	Negra
Andreza Viana	Comunicóloga do Quilombo Kaonge	Feminino	Negra

Antônio Carlos “Vovô”	Presidente do Ilê Ayê	Masculino	Negra
Azmera Davis	Turista dos Estados Unidos	Feminino	Negra
Cerusa Menezes	Artesã capilar	Feminino	Negra
Chibatinha	Banda Àttoxá	Masculino	Negra
Clarindo Silva	Escritor	Masculino	Negra
Davi Rodrigues	Guia de turismo	Masculino	Negra
Dona Dalva do Samba	Irmandade da Boa Morte	Feminino	Negra
Juçara Lopes	Mulheres do Axé do Brasil	Feminino	Negra
Juvani Viana	Empreendedora quilombola	Feminino	Negra
Mãe Nenê	Irmandade da Boa Morte	Feminino	Negra
Mãe Zelita	Irmandade da Boa Morte	Feminino	Negra
Manuela Pereira	Yamoro do Ilê Axé Oju Onirê	Feminino	Negra
Marina Ros	Turista	Feminino	Branca
Mestre Dumdum	Coordenador da Casa do Nego Fugido	Masculino	Negra
Mislen Almeida	Baiana de acarajé	Feminino	Negra
Naylah Brock	Turista dos Estados Unidos	Feminino	Negra
Nilzete Santos	Proprietária Afrotours	Feminino	Negra
Oz	Banda Àttoxá	Masculino	Negra
Padre Lázaro	Igreja N. Senhora do Rosário dos Petros	Masculino	Negra
Pai Gilson	Babalorixá	Masculino	Negra
Pai Pote	Babalorixá do Ilê Axé Oj Onirê	Masculino	Negra
Raoni	Banda Àttoxá	Masculino	Negra
Rita Santos	Coordenadora Nacional da Associação das Baianas de Acarajé	Feminino	Negra
Roberta Lira	Turista	Feminino	Negra
Tonho Matéria	Mestre de Capoeira	Masculino	Negra
Valéria Lima	Diretora do Instituto Mãe Hilda	Feminino	Negra

Fonte: elaborado pela autora a partir do documentário

A composição do elenco evidencia a centralidade de pessoas negras na narrativa, havendo apenas uma entrevistada, que é turista, não negra. Tal escolha reforça uma lógica afrocentrada de construção discursiva, na medida em que privilegia vozes negras como produtoras legítimas de conhecimento sobre cultura, memória, religiosidade e turismo. Assim, a obra desloca a população negra da posição historicamente atribuída de objeto exótico do olhar turístico para a condição de sujeito que interpreta, conduz e atribui sentido

às experiências apresentadas. Ademais, a presença de uma turista não negra indica que o afroturismo é apresentado como uma prática aberta a diferentes públicos, reforçando seu potencial pedagógico para a construção de um turismo antirracista que pode e deve ser praticado por todos (Maurício, 2022; Silva et al., 2024).

Acerca dos recursos de linguagem cinematográfica presentes no filme, o enquadramento – isto é, a forma pela qual a câmera seleciona e organiza o que é mostrado em cena (Soares, 2024) – utiliza principalmente planos gerais, médios e *close-ups*. O plano geral ganha destaque nas imagens aéreas do Recôncavo baiano e de Salvador, evidenciando paisagens, lugares históricos e manifestações culturais afro-brasileiras a fim de situar o telespectador no espaço retratado. Os planos médios assumem centralidade nos depoimentos apresentados ao longo do filme, pois nesses momentos há maior enfoque nas expressões faciais e gestuais dos entrevistados ao falarem sobre a cultura afro-brasileira. Por fim, os *close-ups* aparecem em alguns rostos, enfatizando expressões emocionais e contribuindo para a criação de empatia com o público.

A organização visual do filme refere-se à disposição dos elementos em cena, como personagens, objetos, cenários e câmera (Cine 8 Filmes, 2023). No documentário, observa-se frequentemente o uso de profundidade de campo, com pessoas em primeiro plano, ações em plano médio — como rodas de capoeira — e cenários naturais ou urbanos ao fundo. Essa construção em camadas contribui para inserir as manifestações afro-brasileiras no cotidiano dos territórios retratados, evitando apresentá-las como elementos isolados ou folclorizados. Desse modo, o filme reforça a ideia de que as referências culturais negras constituem dimensão estruturante da vida social, da memória e das experiências turísticas apresentadas na narrativa.

Na maior parte das vezes a imagem mostrada é assimétrica, isto é, as pessoas não aparecem no centro, o que dá naturalidade aos depoimentos e aos espaços retratados e, em outros momentos, quem está em tela está localizado em dos terços laterais do quadro com o olhar voltado para o outro lado. Já nos momentos de rituais há a troca para a composição central, recurso que reforça visualmente o protagonismo negro e atribui centralidade simbólica às práticas afro-religiosas. Tal escolha estética distancia-se de representações marginalizadas historicamente atribuídas às religiões de matriz africana,

posicionando-as como patrimônio cultural legítimo e elemento estruturante das experiências de afroturismo.

Sobre as cores que aparecem no filme, há uma predominância de cores quentes - como laranjas, marrons e vermelhos quando são mostradas cenas voltadas às comunidades e a luz natural ganha destaque em locações externas. Em situações voltadas a manifestações religiosas, o jogo de luz e sombra se faz mais presente. Vale destacar ainda que a câmera acompanha o movimento dos corpos quando são mostradas danças ou rituais, sempre com respeito aos seus fluxos e ritmos.

É possível destacar o uso do ângulo frontal – altura dos olhos – como predominante, em especial em entrevistas e falas diretas à câmera, trazendo uma relação horizontal entre o espectador e quem é entrevistado. Também foi possível encontrar imagens *contra-plongée* (de baixo para cima), normalmente quando se mostravam líderes religiosos ou cenas de rituais - o que sugere deferência aos saberes ali mostrados. Ao serem destacadas imagens das cidades, quase sempre era utilizado o *plongée* suave (de cima para baixo), normalmente fazendo uso de drones e revelando a dimensão espacial dos territórios revelados. Por fim, também foram percebidas imagens com câmera fluída, isto é, quando há acompanhamento dos corpos em movimento – como em danças, rodas, rituais (Primeiro Filme, 2025a; Stubbe, 2025).

No que se refere ao som, é importante lembrar que diálogos, trilha sonora e ruídos diversos formam uma parte significativa da narrativa cinematográfica e, por meio do som, o filme ganha complexidade e emoção (Viana, 2018). No documentário, os cantos, danças, falas e sons ambientes gravados nas ruas, terreiros e festas são considerados sons *in* – isto é, aquele cuja fonte aparece na imagem e pertence à realidade que esta evoca. Além disso, o filme faz bastante uso de entrevistas e falas diretas. O uso predominante de sons *in* contribui para construir uma experiência sensorial afrocentrada, na qual a sonoridade não atua apenas como ambientação, mas como elemento de memória, pertencimento e conexão ancestral. Desse modo, o documentário aproxima o espectador das experiências culturais apresentadas, articulando audiovisual e afroturismo como práticas de valorização da diáspora africana.

Já o som *off* é aquele cuja fonte não só não aparece na imagem como também está em outro tempo e lugar, sendo bastante utilizado em transições de cena, quando, aquele que assiste, ouve algo que faz parte do documentário, mas ainda não vê quem a emite

(Chion, 2011). No documentário analisado isto ocorre no início de grande parte das entrevistas, pois as vozes são ouvidas antes de vermos quem as fala. A presença constante de cantos, tambores, falas e sons ambientes também contribui para a construção da “voz” do documentário, isto é, da forma como o filme organiza sons e imagens para sustentar sua perspectiva sobre o mundo social retratado.

Quanto à estrutura do documentário, ao analisar as cenas - conjunto de planos que representam uma ação contínua em um mesmo local e período (Primeiro Filme, 2025b) -, é possível perceber que estas são organizadas a partir de territórios e práticas culturais afro-brasileiras, cada uma abrindo uma possibilidade de prática do afroturismo, sendo mostrados terreiros, quilombos, rodas de capoeira, isto é, vivências que dão destaque à cultura afro-brasileira.

As sequências, entendidas como conjuntos de planos interligados pela narrativa (Primeiro Filme, 2025b), organizam-se no documentário a partir dos eixos do afroturismo apresentados e vistos na Figura 2. Na sequência da Rota da Liberdade – Quilombo do Kaonge (5min47s–9min21s), por exemplo, predominam planos gerais do território quilombola, planos médios dos entrevistados e *close-ups* que enfatizam expressões e emoções. Enquanto os personagens relatam experiências ligadas ao afroturismo, o documentário intercala imagens de manifestações culturais, culinária, dança e música, com destaque para mulheres, crianças e lideranças quilombolas. A construção visual da sequência reforça a relação entre território, identidade e cultura afro-brasileira. A organização das sequências em torno de territórios, manifestações culturais e personagens evidencia uma estrutura narrativa que articula cenas e depoimentos de forma lógica, construindo uma visão específica sobre o afroturismo e a cultura afro-brasileira.

Sobre o modo de representação documental, a partir de Nichols (2005), destaca-se a predominância do modo expositivo, marcado pela ênfase no comentário verbal e na construção argumentativa, no qual as imagens sustentam a ideia central de que o afroturismo atua como instrumento de valorização da cultura afro-brasileira. Tal construção confirma a compreensão de Bernardet (1985) de que o documentário também é discurso, uma vez que as imagens, entrevistas e escolhas narrativas são organizadas para sustentar determinado posicionamento sobre o afroturismo e a valorização da cultura negra. Além disso, o documentário também apresenta características do modo poético, especialmente

pelo destaque dado à música, aos rituais, às danças e aos toques de tambor, utilizando planos sensoriais e rítmicos para enfatizar a dimensão cultural afro-brasileira.

Dando sequência aos resultados, a análise temática revelou que o documentário orbita em torno de seis temas: protagonismo negro; espiritualidade e religiosidade negra; afroturismo como resistência ancestral; negócios negros no fazer turístico; afroturismo como reencontro e orgulho da ancestralidade; afroturismo como prática antirracista. A seguir, esses aspectos serão analisados por meio de trechos selecionados do documentário, articulados com os aportes teóricos da literatura acadêmica sobre o tema.

O primeiro tema identificado é o *protagonismo negro*, que é evidenciando logo na abertura do filme, na fala do escritor e agitador cultural Clarindo Silva: “Nós fomos responsáveis pelo desenvolvimento dessa nação. Foram 300 anos de povos escravizados. Nós é que construímos essa nação.” Nilzete Santos, afroempreendedora, reforça o protagonismo negro ao afirmar que os negros também participaram da colonização do Brasil — algo perceptível, segundo ela, na música, na forma de nos vestirmos e na gastronomia. Esse destaque ao papel central da população negra se estende também ao turismo pois Andreza Viana, comunicóloga do Quilombo do Kaonge, explica que o que atrai o turista é justamente o cotidiano das comunidades quilombolas presentes nos roteiros: suas histórias, saberes, fazeres, culinária e religiosidade, de forma que é a cultura quilombola que desperta o interesse turístico e o protagonismo negro torna-se indispensável na construção dessa experiência. Deste modo, o documentário vai ao encontro da literatura que reforça o protagonismo negro como indispensável para a concretização do afroturismo (Embratur; CAF, 2025; Oliveira, 2020a).

O segundo tema identificado foi denominado *espiritualidade e religiosidade negra*, referindo-se aos diversos momentos do documentário dedicados às manifestações de fé ligadas às religiões de matriz africana e ao catolicismo presentes na Bahia. Entre elas, destaca-se a *Irmadade de Nossa Senhora da Boa Morte*, à qual o filme dedica parte significativa de sua narrativa. Segundo Mãe Nenéu:

é uma das irmandades que foram nascidas dentro da senzala. As irmãs refugiadas dos quilombos, as irmãs que já estavam refugiadas, compravam a liberdade de outras. É a única irmandade feminista da América Latina, é a irmandade da Boa Morte. De negras, nascidas dentro da senzala (...).

A *Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte*, uma confraria religiosa afro-católica, está entre as mais antigas do país, tendo surgido nas primeiras décadas do século XIX, possivelmente por volta de 1820, nas proximidades de Salvador, de onde, anos mais tarde, migrou para a cidade de Cachoeira. Na *Irmandade*, a senhoria é o grande princípio norteador da organização interna e apenas as irmãs mais velhas dentro do grupo são as responsáveis pelos segredos da instituição e sua transmissão só acontece mediante longo aprendizado junto às demais componentes do grupo (Castro, 2015).

Há mais de 200 anos, no mês de agosto, é realizada a *Festa da Irmandade da Boa Morte*, evento considerado patrimônio imaterial da Bahia desde 2010. A Festa atrai pessoas de diferentes lugares, incluindo estrangeiros, e chama a atenção por seu sincretismo religioso, pois combina elementos do catolicismo popular e do candomblé (Fernandes; Rodrigues, 2019; Pinho, 2018).

Ao abordar o sincretismo religioso, o documentário destaca a presença do atabaque na Igreja de *Nossa Senhora do Rosário dos Pretos*, localizada no Pelourinho, em Salvador. O espaço constitui um importante marco histórico da comunidade negra e foi construído, no século XVII, pela Irmandade de *Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos*, uma das primeiras irmandades negras do Brasil. Sobre a construção da igreja, o padre Lázaro, entrevistado no documentário, afirma:

Essa igreja aqui levou em torno de quase 80 anos para ser construída. Construída com os esforços de negros e negras, com seus próprios recursos, com algumas quituteiras que vendiam comida pela rua e compravam, inclusive para juntar dinheiro para comprar a alforria de vários irmãos negros para libertá-los. Os escravizados só podiam cuidar dos senhores de engenho, mas não tinham lugar onde rezar. Não lhes era dado o direito de entrar na igreja (...). E isso acontece não só aqui, mas em todo o Brasil, o nascimento das irmandades de *Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos*. É impossível ser um padre hoje sem um olhar ecumênico, sem um olhar interreligioso, diante de uma pluralidade religiosa que é tão grande no mundo. E o *Rosário* se tornou essa expressão dessa confluência, dessa espiritualidade, então nós recebemos aqui irmãos do candomblé, irmãos espíritas, irmãos umbandistas, irmãos, pessoas que não têm religião.

Embora seja importante dar atenção à possível exotização que o turismo dá às festas afro-católicas que ocorrem na Bahia, como ressaltam Queiroz (2009) e Vatin (2008), ou ainda se questionar se os lucros advindos da comercialização da cultura afrodescendente pela atividade vão para as pessoas negras (Queiroz, 2009), é fato que há um interesse

patente na Bahia por turistas estrangeiros que buscam, no sincretismo afro-religioso baiano, encontrar e validar uma herança cultural tida como autêntica e buscada na África e em locais de memória significativos ao longo do Atlântico Negro, como Salvador (Queiroz, 2009).

As manifestações culturais advindas do sincretismo religioso baiano relacionam-se ao tema da resistência, uma das categorias de análise identificadas no documentário, que abarcam outras formas de resiliência. Amorim et al. (2011) explicam que os africanos escravizados na Bahia eram adeptos de diferentes religiões (candomblé, umbanda, vodu etc.) e, mesmo proibidos de manifestar sua fé, continuaram praticando-a de forma associada às manifestações católicas impostas pela escravidão. Assim, o culto aos orixás foi articulado ao culto dos santos católicos, fazendo do sincretismo uma forma de resistência e afirmação identitária. Nessa perspectiva, o documentário apresenta o *afroturismo como resistência ancestral*, como evidencia o depoimento da turista Roberta:

(...) estou encantada com Cachoeira, que tem cultura demais, que era o que queria, estou encantada com a *Festa da Boa Morte*, porque diz muito sobre a nossa resistência ancestral. A gente precisa ter essa resistência mesmo presente, essa memória e essa ação que fortalece as gerações que estão seguindo né.

No mesmo sentido, documentos resultantes de estudos realizados pela Unesco com Ministério do Turismo (2024) e ainda pela Embratur e pelo Banco de Desenvolvimento da América Latina e do Caribe (CAF) (2025) reforçam que o afroturismo propicia o conhecimento de histórias de resistência cultural de comunidades tradicionais e quilombolas, inclusive, um deles aponta que “o afroturismo vai além de um tipo de viagem: é uma forma de resistência cultural” (Embratur; CAF, 2025, p. 24).

O próximo tema identificado no documentário refere-se ao afroturismo como atividade econômica e foi denominado *negócios negros no fazer turístico*. Em diferentes momentos, a narrativa evidencia a importância do afroempreendedorismo para a consolidação do afroturismo. Como afirma Nilzete: “Essa conexão do afroturismo com afroempreendedores é perfeita. Não só o artesanato, todos os outros elementos do afroempreendedorismo. Aí está a gastronomia, a moda, arte plástica (...)”. Ao longo do filme são apresentados trabalhadores negros ligados à moda, à culinária e às artes, que demonstram como a atividade turística contribui para a valorização e circulação de seus produtos, saberes e práticas culturais.

Mestre Dumdum (coordenador da Casa do Negro Fugido), por exemplo, conta que: “A comunidade, ela se satisfaz, porque é almoço, é hospedagem, essa questão de consumo da comunidade é 100%. Além de trazer elas para aqui, tem aquela satisfação de atender, e a gente vê a economia também rodar”. Juvani Viana, mulher empreendedora quilombola do Kaonge, conta que “o turismo aqui não melhorou só a minha vida, o turismo aqui agrega meio mundo de vida porque eu tenho no mínimo 20 pessoas que trabalham direta e indiretamente”. Nesse mesmo sentido, o guia de turismo Davi Rodrigues resume bem o tópico ao apontar que:

O afroturismo, ele caminha com essa direção, de a gente ter essa condição de sobreviver dentro desse contexto, mas não tirar as nossas características ancestrais. Então, isso possibilita que essas famílias que têm uma renda menor, elas vão criar meios de fazer iguarias, de fazer artesanato, de criar condição de justamente possibilitar essa cadeia tão importante que é da economia do turismo, para ser desenvolvido num plano coletivo.

A essência do tema abordado relaciona-se ao afroempreendedorismo, compreendido como a atuação de empreendedores negros voltada à valorização da cultura afro-brasileira. Trata-se de sujeitos inseridos em redes de fortalecimento econômico e simbólico da população negra, compondo um ecossistema de produção e consumo construído por negros e para negros (Oliveira, 2020a; 2021a; 2022). Os afroempreendedores têm como premissa o enfrentamento ao racismo, promovendo visibilidade positiva da identidade negra e desenvolvendo atividades que fortalecem o empoderamento estético e identitário da população afro-brasileira. No campo do turismo, esses empreendedores contribuem para colocar a história e a cultura negra em evidência de maneira afirmativa e valorizadora (Oliveira, 2022).

Ao enfatizar trabalhadores negros ligados à gastronomia, moda, religiosidade e cultura, o documentário reforça a dimensão econômica do afroturismo articulada à agência negra. Nesse sentido, os afroempreendedores não aparecem apenas como prestadores de serviço turístico, mas como sujeitos que constroem narrativas, experiências e formas de representação da cultura afro-brasileira.

O penúltimo tema diz respeito ao sentimento manifestado por muitos dos entrevistados ao narrar seu *reencontro e orgulho da sua ancestralidade*. Nesse caminho, Antônio Carlos “Vovô” (presidente do Ilê Ayê) descreve que:

Tudo que a gente sempre ouviu de negativo, a música, a poesia, o *llê* manda de volta de forma positiva. Então, que o negro é lindo, tem um aroma gostoso, seu cabelo, seus penteados nagô, seus torços, roupas coloridas. Então, foi assim que nós conseguimos fazer com que hoje, não só a Liberdade, mas Salvador e pelo Brasil, as pessoas reconquistassem esse orgulho de ser negro.

A categoria não diz respeito apenas aos anfitriões, mas também aos turistas que viajam à Bahia em busca de referências identitárias e ancestrais apagadas pelo processo histórico da escravização. O documentário evidencia esse movimento sobretudo entre turistas negros estrangeiros que visitam o estado em busca de conexão com a cultura afro-brasileira e com a diáspora africana. Como afirma uma turista negra estadunidense presente na obra: “Aprendendo sobre a descendência africana, sendo orgulhosa da nossa cultura, podemos espalhar e ensinar as pessoas que não sabem ou não têm conhecimento sobre a nossa cultura o quanto nós somos bons e quanto a excelência negra é forte ao redor do mundo”. Nesse sentido, as viagens afrocentradas aparecem associadas à busca por pertencimento, memória e reconexão com a diáspora africana, temática discutida por diferentes autores (Oliveira; Silva; Almeida, 2022; Pinho, 2018; Queiroz, 2008, 2009).

O último tópico identificado na análise temática trata do *afroturismo como uma prática antirracista*. Entendido como uma postura pedagógica, o afroturismo torna visível o protagonismo de pessoas negras ao evidenciar que as mãos historicamente subjugadas — e ainda hoje frequentemente marginalizadas — são capazes de criar, ensinar, empreender e transformar. Mostrar essas trajetórias é, portanto, uma forma de educar para a valorização da cultura afro-brasileira e de combater o racismo estrutural (Maurício, 2022; Oliveira, 2021a; Silva et al., 2024).

Nilzete Santos, no começo do filme explica que o afroturismo é composto por:

(...) vivências, experiências, onde a gente conta a história do povo negro no Brasil. A ideia do afroturismo é promover a transformação do pensamento para evitar o racismo, ou seja, são posicionamentos onde a pessoa vai começar a se reconhecer e logo promover o antirracismo.

A partir dessa perspectiva, o documentário da Embratur apresenta o afroturismo como um importante instrumento de enfrentamento ao racismo ao colocar pessoas negras em posição de protagonismo, romper com visões estereotipadas e reforçar o orgulho da identidade negra. Por meio dessa prática, promove-se a valorização das trajetórias afro-

brasileiras e o fortalecimento de vínculos identitários e ancestrais. O afroturismo também se configura como uma forma de educação antirracista para além da sala de aula ao evidenciar a importância dos lugares de memória e dos legados da diáspora africana no Brasil (Oliveira, 2021a; Unesco; Ministério do Turismo, 2024).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise fílmica e temática do documentário *Afro: das origens aos destinos*, obra produzida pela *FSB Comunicação* para a Embratur, possibilita compreender como o afroturismo é representado pela principal instituição responsável pela promoção internacional do turismo brasileiro. Além disso, a produção pode ser interpretada como parte de um movimento de reposicionamento discursivo da própria Embratur frente às representações historicamente difundidas pois, durante décadas, campanhas turísticas brasileiras realizadas pela agência associaram, sobretudo, mulheres negras a imagens exotizadas e sensualizadas, reforçando estereótipos raciais amplamente criticados pela literatura. Em contraste, o documentário desloca o enfoque para a ancestralidade, a religiosidade, os territórios quilombolas, a produção cultural e o protagonismo negro, indicando uma tentativa institucional de reconstrução das narrativas sobre a população negra no âmbito da promoção turística do Brasil.

A peça destaca o protagonismo negro, premissa do afroturismo, perceptível na escolha dos personagens que tomam a palavra, nos lugares mostrados, nos enquadramentos realizados e nas músicas ouvidas ao longo dos 25 minutos do filme. Assim, as narrativas que ganham evidência para explicar o que é o afroturismo, a partir de Salvador e do Recôncavo Baiano, abordam histórias de fé, coragem, resistência, empoderamento, amor-próprio e saber ancestral negros.

A análise dos enquadramentos, da composição, dos ângulos, das cenas e das sequências revela uma postura de deferência ao apresentar figuras importantes da comunidade afro-baiana em seus espaços sagrados, retratando-os como detentores de conhecimentos ancestrais que, por meio do turismo, podem ser compartilhados. As escolhas de planos médios e *closes* valorizam a expressão e a emoção das pessoas negras retratadas. O uso de planos abertos, por sua vez, ao mostrar comunidades quilombolas, permite ampliar o campo de visão e aproximar o espectador desses territórios. Nota-se uma

perspectiva respeitosa e afirmativa, que reforça a ideia de que o afroturismo é memória, é identidade e resistência.

Os sons utilizados no documentário, muitas vezes provenientes de instrumentos de percussão e cantos de origem afro, conferem um viés emocional ao que está em tela. A ancestralidade se mantém presente até mesmo nas passagens em que o filme traz música contemporânea e urbana. Destaca-se ainda a ausência de uma voz hegemônica: a narrativa é construída a partir de múltiplas vozes reais de sujeitos negros, reforçando o caráter coletivo e descentralizado da construção discursiva.

Para além do protagonismo negro, o documentário aborda outras temáticas que dialogam com essa centralidade, como religiosidade, resistência, afroempreendedorismo, reencontro com ancestralidade e antirracismo. É a partir dessas dimensões que o filme se torna uma ferramenta potente de valorização da identidade negra e de promoção do afroturismo, ao colocar o corpo negro no centro, evidenciando suas práticas e saberes como motores do fazer turístico.

Por fim, vale apontar que, embora a obra busque construir uma narrativa afrocentrada e centrada no protagonismo negro, permanece a tensão relacionada aos espaços de autoria e condução narrativa, uma vez que a direção do documentário é assinada por um homem branco. Tal aspecto não invalida a relevância da produção, mas evidencia que as disputas por representação e pelos lugares de fala no audiovisual brasileiro continuam presentes, inclusive em obras voltadas à valorização das experiências afrodiaspóricas. Deste modo, o documentário revela simultaneamente avanços e tensões: ao mesmo tempo em que representa uma ruptura com antigas imagens estereotipadas da população negra no turismo brasileiro, também evidencia os desafios ainda existentes quanto à democratização dos espaços de produção audiovisual e construção das narrativas institucionais sobre a cultura negra do país.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Ericka *et al.* Igreja Rosário dos Pretos: análise das contribuições culturais para o turismo étnico (afro) em Salvador-BA. **Tourism & Management Studies**, n. 1, p. 349–358, 2011.

ANCINE. **Instrução Normativa n. 90, de 29 de junho de 2010**. Disponível em: <https://sad.ancine.gov.br/consultapublica/avaliacoesSolicitadasAction.do?method=initEnviarSugestao&idNorma=57&idDispositivo=2122>. Acesso em: 19 maio. 2025.

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93–110.

BERNADET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.

CARVALHO, Eric Luis. Consciência Negra em Salvador: entenda por que a data não é feriado na cidade com a maior população preta fora da África. *In*: **G1 [Bahia]**, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/novembronegro/noticia/2023/11/20/entenda-feriado-20-de-novembro-em-salvador.ghtml>. Acesso em: 24 maio. 2025.

CASTRO, Armando Alexandre Costa de. Irmãs de fé: tradição e turismo no Recôncavo Baiano. **CULTUR - Revista de Cultura e Turismo**, v. 2, n. 1, p. 1–23, 6 jan. 2015.

CHION, Michel. **A audiovisual**: som e imagem no cinema. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.

CINE 8 FILMES. **7 Dicas de Composição Cinematográfica**. *In*: Cine 8 Filmes, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://www.cine8filmes.com.br/post/7-dicas-de-composicao-cinematografica-storytelling#:~:text=A%20composi%C3%A7%C3%A3o%20cinematogr%C3%A1fica%20refere%2Dse,emo%C3%A7%C3%A3o%20desejada%20para%20o%20p%C3%ABlico>. Acesso em: 17 jun. 2025.

EMBRATUR. “**Afroturismo é o eixo central da Embratur**”, afirma presidente da Agência. *In*: Embratur, 31 ago. 2023. Disponível em: <https://embratur.com.br/2023/08/31/afroturismo-e-o-eixo-central-da-embratur-afirma-presidente-da-agencia/>. Acesso em: 19 maio. 2025.

EMBRATUR. **Afro: das origens aos destinos | Documentário Embratur – YouTube**, 26 out. 2024a. 1 vídeo (25min 46 s). Publicado pelo canal da Embratur no YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KU4kyULr0k8&t=670s&ab_channel=EmbraturBrasil. Acesso em: 19 maio. 2025.

EMBRATUR. **Afroturismo - Embratur**. *In*: Embratur, 2025. Disponível em: <https://embratur.com.br/para-o-trader/afroturismo/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

EMBRATUR. **Consciência Negra: Embratur lança documentário sobre afroturismo em cinema de Salvador**. *In*: Embratur, 27 out. 2024b. Disponível em: <https://embratur.com.br/2024/10/27/consciencia-negra-embratur-lanca-documentario-sobre-afroturismo-em-cinema-de-salvador/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

EMBRATUR; CAF. **Afroturismo no Brasil: desenvolvimento étnico territorial impulsionado pela internacionalização da oferta turística de afroempreendedores: Produto I**. 2025. Brasília: Disponível em: <https://embratur.com.br/wp->

<content/uploads/2025/02/COMPONENTE-FINAL-AFROTURISMO.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

EMBRATUR; CAF. **Guia prático sobre igualdade racial no turismo**. Brasília: [S.n.]. Disponível em: https://embratur.com.br/wp-content/uploads/2025/02/Guia-igualdade-racial-turismo_set-2.pdf. Acesso em: 28 out. 2025.

FERNANDES, Phael; RODRIGUES, Danutta. Irmandade da Boa Morte: G1 conta história da festa secular do recôncavo que resiste ao tempo. *In*: G1 [Bahia], 13 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/08/13/irmandade-da-boa-morte-g1-conta-historia-da-festa-secular-do-reconcavo-que-resiste-ao-tempo.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2025.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Filmes de diretores negros se concentram na última década**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/11/estudo-diz-que-83-de-filmes-dirigidos-por-negros-no-brasil-sao-da-ultima-decada.shtml>. Acesso em: 3 maio. 2026.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual pratico**. 7. ed. Porto Alegre: Vozes, 2008. p. 64–89.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Bahia é o estado mais negro do Brasil, com 80,8% da população preta ou parda. *In*: **Governo do Estado da Bahia**, 20 nov. 2023. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4013:bahia-e-o-estado-mais-negro-do-brasil-com-80-8-da-populacao-preparda&catid=8&Itemid=565&lang=pt. Acesso em: 24 maio. 2025.

MAURÍCIO, Vitória Camillo da Silva. **Afroturismo e discursos invisibilizados: a mediação afrocentrada de guias de turismo na Pequena África (RJ)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Bacharelado em Turismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

MINISTÉRIO DO TURISMO *et al.* **Promoção e consolidação do afroturismo no Brasil**. *In*: Ministério do Turismo, 24 fev. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/-publicacoes/segmentacao-do-turismo/EncontroAfroturismo_fev.24.pdf. Acesso em: 5 jun. 2024.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio dos Santos. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Lumina**, v. 8, n. 2, p. 1–17, 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Afroempreendedorismo e responsabilidade social/corporativa: turismo e cultura afrodiaspórica no Brasil. **RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 12, n. 02, p. 4–23, 22 dez. 2022.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Afroempreendedorismo no turismo, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 9, n. 1, p. 42–63, 11 dez. 2021a.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Afroempreender em turismo no Brasil: discussões iniciais. *In*: MENEZES, Paula Dutra Leão de; BRAMBILLA, Adriana; SOARES, André Luis Vieira (Orgs.). **Perspectivas da gestão em turismo e hotelaria II**. João Pessoa: Editora da CCTA, 2020a. p. 397–435.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Negros e turismo: análise da produção acadêmica sobre o tema em revistas vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 13, n. 1, p. 219–238, 9 jan. 2021b.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Turismo afrocentrado: debates iniciais. *In*: MELLO, Roger Goulart; FREITAS, Patrícia Gonçalves de (Orgs.). **Novos olhares sobre turismo, patrimônio e cultura**. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2020b. p. 305–315.

OLIVEIRA, Natália Araújo de; SILVA, Priscilla Teixeira da; ALMEIDA, Helena de Jesus. Mulheres negras viajantes: experiências e relatos de um grupo de Facebook. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 22, n. 1, p. 63–76, 2022.

PAULA, Gabrielle Santos de. **Olhar o outro**: uma análise do documentário Quilombo da Família Silva. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes-conceitos e metodologia(s). *In*: CONGRESSO SOPCOM, VI, 2009. **Anais eletrônicos** [...]. Lisboa, 2009. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf> Acesso: 19 maio. 2025.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. 2001. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>. Acesso em: 23 maio. 2025.

PINHO, Patrícia de Santana. **Mapping diaspora: African American roots tourism in Brazil**. Chapel Hill: University of South Carolina Press, 2018.

PINHO, Patricia de Santana. Turismo diaspóricos: mapeando conceitos e questões. **Tempo Social**, v. 30, n. 2, p. 113–131, 1 maio 2018.

PRIMEIRO FILME. **Enquadramentos: planos e ângulos**. 2025a. Disponível em: <https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

PRIMEIRO FILME. **Noções básicas da estrutura de um filme**. 2025b. Disponível em: <https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/noco-es-basicas-da-estrutura-de-um-filme/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

QUEIROZ, Mércia Maria Aquino de Queiroz. Turismo de raízes africanas na Bahia: a emergência de um segmento turístico especial dirigido ao mercado afro-americano dos Estados Unidos. *In*: ENECULT, 5, 2009, Salvador. Anais eletrônicos [...]. Salvador, 2009. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2009/19218.pdf>. Acesso em: 26 maio. 2025.

QUEIROZ, Mércia Maria Aquino de. **Turismo de raízes na Bahia**: um estudo sobre a dinâmica do turismo étnico (afro) na Bahia: os casos do Pelourinho/Salvador e da Festa da

Boa Morte/Cachoeira. 2008. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

RABELLO, Gabriel Bon. Análise fílmica de Elena (2012): a hierarquia de valores. **Revista Discente Planície Científica**, v. 1, n. 1, p. 12–12, 2019.

RAMOS, Fernão Pessoal. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

SAVERNINI, Erika. Diante do filme: a análise como tradução de um pensamento audiovisual. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, v. 12, n. 24, p. 11–30, 28 abr. 2022.

SILVA, Marina Hastenreiter *et al.* Afroturismo como vivência de educação não formal. **Ateliê do Turismo**, v. 8, n. 1, p. 67–93, 2 abr. 2024.

SILVA, Tulio Rosa da. Fundamentos da análise fílmica: um breve panorama teórico metodológico. **Revista Livre de Cinema**, v. 11, n. 4, p. 17–34, 2024.

SOARES, Márcio H. Conheça os principais enquadramentos do cinema. *In:* Márcio H. Soares, 2 maio 2024. Disponível em: <https://xmarciossoaresx.com.br/2024/05/02/conheca-os-principais-enquadramentos-do-cinema/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

STUBBE, Larissa. Ângulos de câmera no cinema. *In:* Instituto de Cinema SP, 2025. Disponível em: <https://www.institutodecinema.com.br/mais/conteudo/angulos-de-camera-no-cinema>. Acesso em: 15 jun. 2025.

UNESCO; MINISTÉRIO DO TURISMO. **Diagnóstico das políticas públicas de Afroturismo no Brasil**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/afroturismo/diagnostico-do-afroturismo-no-brasil.pdf>. Acesso em: 24 maio. 2025.

UNESCO; MINISTÉRIO DO TURISMO. **Mapeamento do ecossistema do afroturismo**. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/afroturismo/MapeamentodoEcossistemadoAfroturismo_FINAL.pdf. Acesso em: 24 maio. 2025.

VANOYE, Francis; LÉTÉ-GOLIOT, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica**. Campinas: Papirus, 2012.

VATIN, Xavier. O desenvolvimento do “turismo étnico” na Bahia: o caso da cidade de Cachoeira. *In:* REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26, 2008. Anais eletrônicos [...]. Salvador, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/2124108/VATIN_X_O_Developimento_do_Turismo_%C3%89tnicono_Bahia_o_Caso_da_Cidade_de_Cachoeira. Acesso em: 26 maio. 2025

VIANA, Hugo. A importância do som no cinema. *In:* Folha de Pernambuco, 18 mar. 2018. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/a-importancia-do-som-no-cinema/62217/>. Acesso em: 17 jun. 2025.